

HÁ FESTA N'A COMUNIDADE! UMA LEITURA DE LUIZ PACHECO

Rui Zink

No, I will not be your monkey.

Jon Stewart

Estendo o pé e toco com o calcanhar numa bochecha de carne macia e morna; viro-me para o lado esquerdo, de costas para a luz do candeeiro, e bafeja-me um hálito calmo e suave; faço um gesto ao acaso no escuro e a mão, involuntária tenaz de dedos, pulso, sangue latejante, descai-me sobre um seio morno nu ou numa cabecita de bebé, com um tufo de penugem preta no cocuruto da careca, a moleirinha latejante; respiramos na boca uns dos outros, trocamos pernas e braços, bafos suor uns com os outros, uns pelos outros, tão conchegados, tão embrulhados e enleados num mesmo calor como se as nossas veias e artérias transportassem o mesmo sangue girando, palpitassem compassadamente, silenciosamente, duma igual vivificante seiva.

Esta é uma das mais belas frases-iniciais da literatura portuguesa. Sim, frase: aquilo que vos pareceram pontos finais eram, na verdade, pontos e vírgula. E que bem maneja Luiz Pacheco o ponto e vírgula! Como sói acontecer aos grandes escritores, Luiz Pacheco transforma um mísero sinal prosódico numa marca de estilo. Nada que nos surpreenda, ou o livro onde, na minha edição, o conto se insere não se intitulasse, aliás, *Exercícios de Estilo*.

2. No outro dia uma rapariga da revista *Visão* telefonou-me porque iam fazer um *perfil* de um ex-aluno meu, o Ricardo, hoje um dos humoristas “do Contra” em ascensão – merecidíssima, acrescente-se, como diria Carlos de Oliveira. *Do Contra* em mais de um sentido: ele trabalha também, como escritor, para os bonecos do *Contra-Informação*. Eis senão quando, a jornalista (e devia ser estagiária, pela voz) me pergunta o que acho do anúncio que o Ricardo está agora a fazer para o Montepio Geral.

Aí fui aos arames, expressão cuja origem desconheço. “O quê? Ele está a fazer um anúncio?” “Sim, mas é muito giro”, disse a jovem. “Mas como pode?!? E logo para um banco tão careta como o Montepio...” E acrescentei, acrescentei ainda, não saiu no artigo (sinal dos tempos), mas juro que acrescentei: “Caramba, se o Ricardo precisava de dinheiro, podia ter vindo ter comigo.” E estava tão perturbado que citei mesmo um putativo futuro Presidente da República Portuguesa: “Apre! Safa! Apre!”

Qual era o problema? Era que o meu brilhante ex-aluno se notabilizara, sobretudo, como um dos membros do *Gato Fedorento*, série de humor da SIC Radical e colunista d’*O Inimigo Público*, suplemento satírico de um jornal de referência, certo, mas, ainda assim, suplemento independente. E, na minha óptica, há um preço a pagar pela via que escolhemos. Um deles seria não fazer publicidade institucional ao mesmo tempo que se faz sátira. Bom, enfim, está bem: não antes da ternura dos quarenta, pelo menos. Enfim, já nem sei, se calhar o problema é meu. Se calhar tenho de mudar de óptica, não sei.

3. O que se passa? O que se passa é que Luiz Pacheco acredita que vida e obra se prolongam. Nós, académicos, sabemos que autor e leitor são diferente de narrador e narratário, sabemos que os dois primeiros estão fora do tecido que o texto é, mas... sabemos também quão ludúbrias e astutas são as malhas que o império do texto tece. O que se passa é também que Luiz Pacheco tende a protagonizar, mais vezes do que o contrário, os seus textos; ou, se preferirmos, o escritor Luiz Pacheco dá com frequência aos seus diversos protagonistas o originalíssimo nome de – Luiz Pacheco.

Cá em casa a nossa cama é a liberdade imediata. Tem os nomes que quiserem. É a cama do pai de família, austero e mandão, ou do dorminhoco pesado quando regressa embriagado a casa. É a cama do libertino. É o leito (suponhamos!) Luís-Qualquer-Coisa, XV ou XVI, do milionário, porque nele somos reis e milionários de ternura e de abraços, de palavras sem lençóis (...).

De festas, em suma. Cá em casa, diz-nos Luiz (este não Qualquer-Coisa, mas Pacheco de nome próprio, no sentido em que lhe é próprio e apropriado, em que o nome o honra e ele o honra, a esse nome), cá em casa “a nossa cama é a nossa liberdade imediata”. A cama é um barco e o pai é o homem do leme, se quisermos brincar aos lugares de duvidosa frequentação. É todo um programa, todo um projecto: “Cá em casa a nossa cama é a liberdade imediata.”

E continua. A propósito, porque falei “de palavras sem lençóis”? Foi lapso meu, obviamente. O Pacheco não é figurão, repita-se as vezes que forem necessárias, para figuras dessas: “de palavras sem lençóis”, pff!, podia lá ser. Enfim, prossiga-se a dança:

(...) de palavras ciciadas [ah!]; e é o catre sem lençóis, fracas mantas, e mau cheiro, do maltês que não sabe para onde o destino o manda (e somos isto, que de longes terras viemos! quantos naufrágios! quanta coisa fomos largando para facilitar a marcha até aqui), a enxerga do pedinte (e nós o somos também: porque temos falta de tudo e porque acordamos de manhã sem uma bucha de pão para dar às crianças e sem saber ainda onde o ir buscar).

Atenção: o fundamental neste último naco de frase, nesta última oração, é o “ainda”. Há uma declaração de facto, não um queixume: “*porque temos falta de tudo e porque acordamos de manhã sem uma bucha de pão para dar às crianças e sem saber ainda onde o ir buscar.*” Não é “sem saber onde o ir buscar”, ao pedaço de pão, é sem saber **ainda**, no momento em que se acorda, onde o ir buscar. Faz toda a diferença.

Até porque lucidez, humor e noção do ridículo literário são qualidades que não faltam a este ‘autor-intradiegético’:

Podia ser (dava para) um bom título de uma comédia picante, bulevardesca: UMA CAMA PARA CINCO; idem para um filme neo-realista, onde nem cama houvesse, só umas palhas podres e mijadas, com gaibéus ensonados, embrutecidos do calor e do vinho, fedor de pés, talvez um harmónio desafinando as cigarras e os grilos na cálida noite da planície alentejana. Uma cama para cinco, em herança, constituía um demorado caso de partilhas. Nós dormimos. Às vezes, muitas, beijos e abraços.

4. “Comunidade” é um texto autobiográfico? Boa pergunta, embora um tudo nada idiota. Podemos dizer, desde logo, que sim, em parte: faz parte da ética do libertino homologar a sua escrita com a sua vida, num cruzamento

que tanto Sade como Oscar Wilde preconizavam, com uma nuance: não se trata tanto de fazer da própria vida “uma obra de arte”, mas de a obra emprestar à vida um relance estético e de a vida ver prolongado na obra um sentido ético.

O princípio da ficção – e “Comunidade” é ficção, da melhor que o século XX português viu ser confeccionada – nunca é relatar “tal-qual” o vivido, mas sim cumprir a preceito o preceito “si non è vero, è ben trovato”. Também poderíamos dizer, claro, que a ficção almeja por uma verdade tão verdadeira que a realidade dos factos não a consegue comportar. Em boa verdade, poderíamos dizer tanta coisa...

A escrita é autobiográfica? Parece-me ser uma falsa questão e creio que há outra melhor, uma questão tão boa que nem a formulo como pergunta, mas como axioma: *Toda a leitura é autobiográfica*. Lemos o que somos motivados a ler, por motivos tão internos quão externos, lemos o que alguém nos faz chegar à mão, o que sem saber buscamos, o que as nossas mãos, os nossos olhos, os nossos afectos almejam alcançar, tocar, tactear. Neste sentido (o do texto, não o do tacto), sendo a escrita uma subvariante da leitura, uma leitura-outra, torna-se questão indigente perguntar se é autobiográfica, porque não pode, por definição, deixar de o ser.

Luiz Pacheco é um escritor afectuoso, ou não fosse ele um prolífico escritor de cartas, e um dos raros autores que, ainda hoje, edita e re-edita as suas cartas pessoais. Um dos seus mais perturbantes livros intitula-se precisamente *Pacheco vs. Cesariny* (1974), e é uma narrativa epistolar, apaixonante, de uma das mais turbulentas amizades-barra-inimizades literárias. E aquelas cartas são verdadeiras ou não? Eu diria que, a partir do momento em que são editadas para serem lidas por outrém que não os seus destinatários inscritos no início de cada missiva, a questão da sua autenticidade literal deixa de ser importante para quem se interessa mais por literatura – força interna – do que pela biografiazinha, força externa. O que me interessa, ao ler a “Comunidade” ou outros textos *do Pacheco*, é a autenticidade literária. É se há, ali, essa **feita da língua** (sentido primeiro que arrasta, por denguiçe sinestésica, todos os outros atrás) a que, à falta de melhor termo, chamamos literatura.

5. Festa da língua e... festas à língua. *Faz-me festas mais avante* – é, creio, o que, com o seu dengo habitual, a língua portuguesa pede aos que a trabalham. E a língua, como um corpo, cede, com prazer, a quem a trabalha com prazer – a quem lhe dá prazer, a quem dela tira prazer, e a quem tenta, ou logra (nunca percebi a diferença entre tentar e lograr) estimular em terceiros o prazer de a tocar, acariciar, numa palavra: namorar.

E que bem faz “Comunidade” à comunidade da língua portuguesa:

Agora, sentado na cama e escrevendo inclinado para a Lâmpada do pequeno candeeiro em tulipa azul de vidro fosco, sinto nos rins o rosto da Irene, a minha pequena deusa de tranças loiras, a sua mão, muito branca e esguia, pálida, quase morta, avançou numa aflição de afogado e veio agarrar-se a mim, junto à sebenta sem linhas onde a esferográfica de tinta vermelha deixa riscos e traços, bolinhas abauladas dos ooo e outras argolas mais do alfabeto, um rasto leve de sangue a fingir, sangue inventado, transposto em palavras e sinais, quieto ali à vista, seco para sempre, moldado, concentrado numa raiva, sujo de palavras, desconforme, sabe-se lá quando mentiroso e verdadeiro, mas já descansando do seu apressado infatigável zeloso viajar pelo corpo. (p.114)

6. Agora tenho eu de falar de mim. Lamento, mas é o mínimo, perante um autor que se despe tão completamente, o leitor que eu sou (o leitor que eu quero ser!) retribuir a cortesia e, enfim, de alguma forma fazer, senão o mesmo, pelo menos parecido. Tenho dois filhos. A cartunista Maitena chama a atenção, numa página recente¹, para a diferença entre uma pessoa com filhos e as outras: “Agora já não ligamos ao vomitado”. Nos filmes americanos, sempre me fez impressão o triste, pobre e triste *gag* de vermos um homem – e pode ser Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stallone ou mesmo Harrison Ford – a pegar com embaraço macho num bebé e, nesse mesmo instante, este faz... como dizer? Faz o que os bebés fazem nos filmes americanos quando se quer obter um riso fácil. Por aqui fica a minha nótula autobiográfica, não receiem. Prossegui-la-ia se o autor estivesse aqui, mas não está, e não vos vou impingir a minha intimidade. Queria só dizer isto, importante para definir a minha competência de leitor de “Comunidade”. Li-o pela primeira vez há uns vinte anos, mais tarde vi uma peça de teatro encenada por João Brites e, agora, que tenho anos de experiência de ser pai, não pobre mas pai, às vezes pobre pai, o mais das vezes rico pai, graças a Deus, e, sim, posso dizer que **o texto está certo**, a Comunidade é mesmo assim, que tudo o que Luiz Pacheco diz é verdade (ainda que seja ficção) porque corresponde à minha experiência, à minha própria experiência de promiscuidade: é muito agradável ter os bambinos na cama, é uma festa tê-los a brincar e a dormir na nossa cama.

“*Vamos na jangada. Já estamos tão habituados que nem reparamos (é mesmo assim!)*” (p.115) – diz Luiz Pacheco. E eu sou testemunha, não me

¹ In *Pública*, 14/11/04.

limito a ser leitor, sou também testemunha.² Não sei se a minha cama familiar é a liberdade imediata, mas sei que uma cama dá, às vezes, uma bela jangada. Uma jangada de riso, que é mais macia e agradável que uma de pedra, acrescente-se. Uma festa. O oposto de uma “Conversa em Família”, de má memória. Uma festa em família. A única e verdadeira, *the one and only*, festa da família. Natal todos os dias, que bom, hem?

7. Como todos os libertinos que se prezam, Luiz Pacheco tem também os seus assomos de moralismo. Não é por acaso que ele termina esta orgia inocente – orgia porque são vários corpos em soluços e revoluções de calor humano, de cheiros humanos, inocente porque não há sexo, apenas o produto do sexo, bebés, e uma mãe quase-criança –, não é por acaso que ele termina esta orgia inocente com a seguinte prédica, em maiúsculas, em caixa alta: “SE SABEIS ESTAS COISAS, BEM-AVENTURADOS SEREIS, SE AS PRATICAREDES.”

Felizmente que, além de um moralista, o libertino é também um humorista, senão seria uma chatice.

E por que será o humorista também um moralista? Vou tentar ser o mais Cândido da Silva possível: porque todo o homem de humores está do lado da vida e não do lado da morte. O libertino é pela liberdade, mas não é um **nihilista**.

Um humorista mas não um cómico. A diferença entre os dois é muito simples de identificar: o humorista faz humor quando quer, não quando os outros lhe pedem. Há semanas, num programa da CNN intitulado Crossfire, Jon Stewart entrou em conflito com os comentadores residentes. E eles disseram: “Não estás a ser engraçado, e foi para isso que nós te convidámos (nessa expectativa). “Vá lá, diz qualquer coisa engraçada.” E Jon respondeu: “No, I will not be your monkey.”

Luiz Pacheco era conhecido por cravar os literatos amigos quando os apanhava a jeito no Café Gelo ou noutra ponto qualquer da Baixa lisboeta. Cravava, era ingrato, insultava e mordida a mão que acabara de lhe dar de comer. Baptista Bastos conta que, tantas vezes, roubava a gorjeta que estava no pires do empregado. Não personagem simpática era, o senhor Luiz Pacheco, não de facto não. Duvido, no entanto, que se dispusesse a fazer um anúncio a um banco, como prémio carreira.

Não, o Luiz não faria isso. Tanto não faria que não fez – e nós somos os nossos actos, sendo que as nossas palavras são **uma subcategoria dos nosso**

² Abonatória, claro, que para mal dos meus pecados não sei ser outra.

actos, são actos em forma de palavras. O Luiz está do lado da festa dos corpos, não do triunfo dos... Enfim, cito:

Somos gente pura: os mais novos não sabem o que é a promiscuidade, a minha rapariga se vir a palavra escrita deve achá-la muito comprida e custosa de soletrar: pro-mis-cui-da-de (pelo método João de Deus, em tipos normandos e cinzentos às risquinhas, até faz mal a vista!). A promiscuidade: eu gosto.

E gosta porquê, desta festa, festa de corpos, desta festa dos corpos a que alguns, não directamente nomeados, chamarão promiscuidade? Sim, Luiz, diz lá porquê, diz, diz.

Porque me cheira a calor humano, me sobe em gosto de carne à boca, me penetra e tranquiliza, me lembra – e porque não?! – coisas muito importantes (para mim, libertino se o permitem) como mamas, barrigas, pele, virilhas, suor, óleos do corpo, trepidações de bicharada. E a confusão dos corpos (...).

Tudo isto é óbvio, tudo isto devia ser óbvio. Porque o diz então Luiz? Diz, Luiz, diz, diz. Diz porquê:

Nem eu me atrevia a falar-vos disso, Senhores; nem eu nunca me atreveria a repetir coisas tão velhas, se não as visse serem atiradas para trás das costas, como se a enterrar em vida o corpo em cálculos e tristura os homens fossem mais livres e mais humanos. Ódio ao corpo, andam esses a dizer há dois mil anos, como se neste curto lapso de tempo da história do homem só devesse haver fantasmas descarnados. Ódio ao corpo, o teu e o meu, disfarçado em tarefas vis e loas absurdas, cobardias pequeninas. Nada disso é gente e eu gosto de estar com gente (falo de corpos), um enchimento de gente à roda, compacta, onde recebemos e damos, estamos e lutamos, sofremos em comum e gozamos. Onde tudo de nós é ampliado, revigorado e medido pelo colectivo, pelos outros – espelho e limite, cadeia e espaço imenso, liberdade e nossa conquista. (pp. 117-118)

Bibliografia

“Comunidade”, in *Exercícios de Estilo*, 1973, pp. 127-139.